

Mahler Chamber Orchestra

Alexander Melnikov



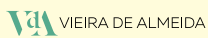
GULBENKIAN
MÚSICA

19 mai 2019

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Ciclo Grandes Intérpretes

19 MAIO
DOMINGO

18:00 — Grande Auditório

Mahler Chamber Orchestra Alexander Melnikov Piano / Direção *

Matthew Truscott Violino / Concertino

Wolfgang Amadeus Mozart

Música fúnebre maçónica, em Dó menor, K. 477

Quarteto para Piano e Cordas n.º 1, em Sol menor, K. 478

Allegro
Andante
Rondo

INTERVALO

Joseph Haydn

Sinfonia n.º 83, em Sol menor, Hob.I:83, “A galinha”

Allegro
Andante
Menuet: Allegretto – Trio
Finale: Vivace

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para Piano e Orquestra n.º 20, em Ré menor, K. 466

Allegro
Romance
Rondo: Allegro assai

* Por motivos de saúde, o pianista
Leif Ove Andsnes é substituído
por Alexander Melnikov



MAHLER CHAMBER
ORCHESTRA

Duração total prevista: c. 1h 45 min.
Intervalo de 20 min.

Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756
Viena, 5 de dezembro de 1791

Música fúnebre maçónica, em Dó menor, K. 477

COMPOSIÇÃO: 1785
DURAÇÃO: c. 6 min.

Na fase final da sua vida, Mozart compôs várias obras de circunstância, fruto de encomendas pontuais ou celebrações nas quais a música desempenhava um papel de fundo. A breve partitura intitulada *Maurerische Trauermusik*, K. 477, é o exemplo mais destacado deste *corpus*, tendo sido idealizada para a loja franco-maçónica vienense *Zur Wohltätigkeit* (“Para a caridade”), na qual o músico ingressou em dezembro de 1784. Na origem da partitura esteve o falecimento de dois distintos membros, o duque Georg August von Mecklenburg e o conde Franz Esterhazy von Galantha. Em novembro de 1785, o venerável da confraria convocou uma reunião laudatória póstuma, no âmbito da qual se fez ouvir a *Maurerische Trauermusik*. As sonoridades lamentosas da secção de sopros dominam os compassos iniciais, despertando reminiscências subtis da música sacra. O sentimento fervoroso intensifica-se depois, sublinhado pelas tensões harmónicas geradas pelas cordas. Eleva-se, enfim, uma longa e bela melopeia de coral, entoada conjuntamente pelos oboés e pelo clarinete, ao mesmo tempo que os violinos edificam a atmosfera processional, por via de figurações anguladas, a sugerir movimento. Regressam depois os densos acordes da secção inicial, os quais conduzem a partitura ao desfecho. Curiosamente, na derradeira cadência, Mozart invoca a tonalidade homónima de Dó maior, como que a sugerir o triunfo último da razão e das luzes sobre a crueza da morte.

Quarteto para Piano e Cordas n.º 1 em Sol menor, K. 478

COMPOSIÇÃO: 1785
DURAÇÃO: c. 25 min.

O Quarteto para Piano e Cordas n.º 1, K. 478, testemunha o interesse de Mozart por um dos géneros de câmara então emergentes, herdeiro dos divertimentos para tecla com acompanhamento de cordas friccionadas. Nesta partitura, Mozart combinou traços característicos das esferas musicais que lhe eram mais familiares no quotidiano: aos rasgos vigorosos e dramáticos da sinfonia clássica juntou as subtilezas e o intimismo da música de câmara e para piano solo. O primeiro andamento destaca-se, desde logo, pelo impetuoso tema principal da exposição, enunciado em invulgar unísono pelos quatro instrumentos. O piano completa o tema através de uma bela frase melódica que prenuncia os desfechos beethovenianos. A tonalidade de Sol menor acentua o carácter dramático dos elementos motívicos, ao mesmo tempo que atua como elemento gerador de tensão, especialmente na coda final. A paisagem sonora do segundo andamento contrasta bastante com a do andamento anterior, o que resulta em grande medida, do recurso à tonalidade relativa de Si bemol maior, aos temas de carácter *cantabile* e ao padrão métrico ternário. Para o final, Mozart reservou um refrão vivo e alegre, constituído por dois temas distintos, na tonalidade homónima de Sol maior. O ritmo harmónico sofre progressiva aceleração, sendo a textura pianística preenchida com figurações rápidas de harpejos, ascendentes e descendentes, enquanto as cordas reintroduzem material provindo das secções anteriores.

Concerto para Piano e Orquestra n.º 20, em Ré menor, K. 466

COMPOSIÇÃO: 1785

DURAÇÃO: c. 30 min.

No início do mês de fevereiro de 1785, Mozart finalizava, em Viena de Áustria, o Concerto para Piano e Orquestra n.º 20, K. 466, obra-prima do seu legado concertante, influenciada pelo coevo *Sturm und Drang*. Somente à luz deste movimento literário peculiar se pode, de resto, atribuir pleno significado ao dramatismo intenso da secção introdutória do Concerto n.º 20 e à invocação constante de sentimentos interiores, enevoados, muitas vezes, por inquietações e angústias.

No primeiro andamento o *pathos* denso e lúgubre da introdução lenta preludia a entrada do solista com o primeiro tema, em gesto ascendente e pausado, qual interrogação existencial talhada não apenas pela incerteza ante as contrariedades, mas também pela esperança na resolução dos problemas e conflitos. Os vivos ritornelos orquestrais agudizam a essência da dialética, a qual pressupõe um plano filosófico e de reflexão existencial que alimenta, a todo o momento, o fluir das ideias musicais. Neste sentido, podem aqui vislumbrar-se traços da mentalidade romântica, os quais viriam a ser invocados, mais tarde, pelo compositor e crítico E. T. A. Hoffmann (1776-1822). O segundo tema desta forma de sonata de primeiro andamento encontra-se na tonalidade mediante de Fá maior e traz consigo a serenidade e a paz. O ritornelo que se segue retoma o material do início do andamento, antes de o solista trazer de novo à textura o segundo tema, processado, a partir de agora, em torrentes melódicas e rítmicas alargadas, já no âmbito do desenvolvimento. No termo da recapitulação, o solista tem espaço criativo para a cadência final, de acordo com a convenção seguida na época. O segundo andamento prossegue a mesma linha intimista, dominada pela melopeia aparentemente ingênua do piano, a qual, aos poucos, vai desvendando os recantos mais



W. A. MOZART. GRAVURA DE G. A. SASSO, C. 1785 © DR

escondidos da alma humana, sob a moldura expressiva das cordas. Este refrão alterna com episódios intermédios, num contínuo que não deixa de fazer sentir, a dado momento, as brumas inquietantes do primeiro andamento. É, contudo, o tema apaziguador do solista que prevalece nos últimos compassos.

Aproximando-se da mesma conceção formal do andamento anterior, o *Rondo* final impõe renovada vivacidade ao discurso musical, envolvendo solista e orquestra num crescendo de tensões, para o qual concorrem não apenas as abundantes indicações de dinâmica, como também os acordes diminutos e de sexta aumentada, com a típica resolução para a dominante da tonalidade. As interações entre o piano e a orquestra anunciam uma nova forma de encarar o género concertante: como um jogo de forças antagónicas em que o virtuosismo técnico do solista passa a desempenhar um papel decisivo. Também deste ponto de vista se prefiguram na obra as tendências iminentes do Romantismo musical.

Sinfonia n.º 83, em Sol menor, Hob.I:83, “A galinha”

COMPOSIÇÃO: 1785

DURAÇÃO: c. 24 min.

Ao mesmo tempo que Mozart preenchia os derradeiros compassos do seu Concerto para Piano n.º 20, K. 466, um outro grande representante do Classicismo vienense, Joseph Haydn, rececionava a encomenda das famosas seis “Sinfonias de Paris”, por parte do conde Claude-François-Marie Rigoley, o fundador da prestigiada sociedade maçónica parisiense *Les Concerts de la Loge Olympique*. Na época, a orquestra da instituição rivalizava com as melhores da Europa, superando até o número de instrumentistas que Haydn tinha ao seu dispor no Palácio de Eszterháza.

A Sinfonia n.º 83, em Sol menor, popularmente subintitulada “A galinha», reflete boa parte do potencial tímbrico daquela formação parisiense, reunindo uma flauta, dois oboés, dois fagotes, duas trompas e cordas. Partindo da tonalidade angustiada de Sol menor, o primeiro andamento introduz, desde logo, o primeiro motivo da exposição, em gesto ascendente muito breve, contando apenas com quatro notas. As pausas gerais, herdadas da *Empfindsamkeit* germânica, criam focos de expectativa que se vão sucedendo, à medida que o andamento progride. O segundo motivo da exposição esteve na origem do subtítulo da obra, o qual se foi propagando nos programas de concerto, a partir dos finais do século XVIII. Exposto pelas cordas sobre um ritmo obstinado, faz lembrar, de facto, o debicar persistente das galinhas em busca de alimento. Após o denso desenvolvimento, a recapitulação reintroduz o material inicial,



JOSEPH HAYDN, POR CHRISTIAN LUDWIG SEEHAS, 1785 © DR

mas a coda renuncia à tonalidade de partida e inflete na tonalidade homónima de Sol maior, conferindo ao desfecho uma aura radiosa, nada comum em obras orquestrais do mesmo período. O segundo andamento, na tonalidade sobredominante de Mi bemol maior, reveste-se de carácter contemplativo, acentuado pelas harmonias serenas que se desprendem das cordas. No *Menuet: Allegretto* que se segue, Haydn regressa à tonalidade de Sol maior para evocar um pouco das danças rústicas da sua infância, passada na Baixa Áustria. Da ambiência bucólica dá também nota o solo de flauta, no *Trio*. O quarto e último andamento, *Vivace*, parece ter tido em vista a capacidade virtuosística dos músicos parisienses, revestindo-se de assinalável vivacidade rítmica.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES



Alexander Melnikov

Piano / Direção

Alexander Melnikov diplomou-se pelo Conservatório de Moscovo, na classe de Lev Naumov. Foi premiado em eminentes competições como o Concurso Internacional Robert Schumann (Zwickau, 1989), ou o Concurso Rainha Elisabeth (Bruxelas, 1991). Desde muito cedo, cultivou um interesse particular pelas interpretações de época. As suas maiores influências neste campo incluem Andreas Staier e Alexei Lubimov, bem como as colaborações com agrupamentos como Freiburger Barockorchester, Musica Aeterna ou Akademie für Alte Musik Berlin. Como solista, atuou com muitas das grandes orquestras mundiais, incluindo a Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a NDR Sinfonieorchester, HR-Sinfonieorchester, a Orquestra Nacional Russa, as Filarmónicas de Munique, de Roterdão e da BBC, ou a Sinfónica NHK de Tóquio, sob a direção de maestros como M. Pletnev, T. Currentzis, C. Dutoit, P. Järvi ou V. Gergiev. Desenvolve também intensa atividade como músico de câmara, destacando-se as parcerias com o violoncelista Jean-Guihen Queyras ou com a violinista Isabelle Faust. Na presente temporada apresentou o projeto *The Man with the Many Pianos*, no qual toca diferentes instrumentos de tecla, em função da época de criação de cada obra. Para além de concertos com a Mahler Chamber Orchestra e com a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, prossegue a sua colaboração com a Camerata Salzburg e a Tapiola Sinfonietta.



Matthew Truscott

Violino / Concertino

A versatilidade do violinista Matthew Truscott permite-lhe dividir o seu tempo de interpretação entre o violino moderno e os instrumentos de época, apresentando-se com alguns dos melhores músicos em ambos os domínios. É o concertino da Mahler Chamber Orchestra e um dos instrumentistas principais da Orchestra of the Age of Enlightenment. Como concertino e solista convidado, colaborou com a English National Opera, a Dutch National Opera, a Netherlands Chamber Orchestra, a Orquestra do Festival de Budapeste, The English Concert, Le Concert d'Astrée, The King's Consort e Arcangelo. É também o violinista principal da Classical Opera, do St James's Baroque e do Magdalena Consort. O seu repertório inclui a música de câmara. Gravou recentemente Sonatas em Trio de Purcell, com o Retrospect Trio, um disco dedicado à música de J. S. Bach, com Trevor Pinnock, Emmanuel Pahud e Jonathan Manson, e um álbum com Trios com Piano de J. Haydn, em colaboração com Richard Lester e Simon Crawford-Phillips. Matthew Truscott é professor de violino barroco na Royal Academy of Music, em Londres.



A Mahler Chamber Orchestra (MCO) foi fundada em 1997 como um agrupamento livre e internacional, dedicado à criação e partilha de experiências únicas na área da música clássica. Integra 45 membros de 20 nacionalidades no seu núcleo, funcionando como um coletivo itinerante de dedicados músicos que se juntam para efetuar digressões internacionais. Até à data, apresentou-se em 40 países de cinco continentes. É gerida pelas suas equipas artísticas e de produção, sendo as decisões tomadas democraticamente, com a participação de todos os músicos.

O som da MCO é caracterizado pelo estilo de interpretação da música de câmara. O repertório estende-se do Classicismo vienense e início do Romantismo até à música contemporânea, o que reflete a agilidade do agrupamento e a sua capacidade para cruzar as fronteiras musicais. A MCO recebeu os mais significativos impulsos artísticos de Claudio Abbado, o seu fundador e mentor, e de Daniel Harding, Maestro Laureado. Trabalha regularmente com *Parceiros Artísticos* que contribuem para o seu aperfeiçoamento. Os pianistas Leif Ove Andsnes e Mitsuko Uchida, o violinista Pekka Kuusisto e o maestro Teodor Currentzis são os seus atuais *Parceiros Artísticos*. O concertino Matthew Truscott dirige regularmente a orquestra nos concertos

de música de câmara. Os músicos da MCO aprofundam continuamente o seu envolvimento com os públicos. O projeto *Unboxing Mozart* cria uma convergência entre a música clássica e a *performance* colaborativa, convidando os públicos à participação no processo artístico através de *sound boxes*. Desde 2012, *Feel the Music* abriu o mundo da música às crianças com deficiência auditiva. Os instrumentistas da MCO partilham também a sua paixão e os seus conhecimentos com as novas gerações de músicos: desde 2009, através da MCO Academy, proporcionam uma experiência orquestral de grande qualidade e uma plataforma única para o intercâmbio internacional. Os projetos em curso da MCO incluem: uma parceria de cinco anos com Mitsuko Uchida, centrada nos concertos para piano de Mozart; o *Mozart Momentum 1785/1786*, um projeto de quatro anos de concertos e gravações com Leif Ove Andsnes; e uma exploração de estilos musicais e formatos de concerto com Pekka Kuusisto. Um foco no repertório sinfónico caracteriza a longa colaboração com o maestro Daniele Gatti. Depois da estreia de *Written on Skin*, de George Benjamin, no Festival d'Aix-en-Provence, a MCO continua a apresentar regularmente as obras do compositor inglês nos palcos de todo o mundo.

Mahler Chamber Orchestra

VIOLINOS I

Matthew Truscott (Grã-Bretanha)**
Doretta Balkizas (Austrália)
Annette zu Castell (Alemanha)
Verena Chen (Alemanha)
May Kunstovny (Áustria)
Anna Matz (Alemanha)
Geoffroy Schied (França)
Timothy Summers (E.U.A.)

VIOLINOS II

Manuel Kastl (Alemanha)*
Stephanie Baubin (Áustria)
Michiel Commandeur (Holanda)
Christian Heubes (Alemanha)
Naomi Peters (Holanda)
Fjodor Selzer (Alemanha)
Katarzyna Wozniakowska (Polónia)

VIOLAS

Joel Hunter (Grã-Bretanha)*
Maite Abasolo Candamio (Espanha)
Yannick Dondelinger (Grã-Bretanha)
Tony Nys (Bélgica)
Delphine Tissot (França)

VIOLONCELOS

Frank-Michael Guthmann (Alemanha)*
Stefan Faludi (Alemanha)
Christophe Morin (França)
Philipp von Steinaecker (Alemanha)

CONTRABAIXOS

Rick Stotijn (Holanda)*
Naomi Shaham (Israel)

FLAUTA

Júlia Gállego (Espanha)

OBOÉS

Mizuho Yoshii-Smith (Japão)
Julian Scott (Grã-Bretanha)

CLARINETES

Vicente Alberola (Espanha)
Jaan Bossier (Bélgica)
Emilio Ferrando (Espanha)
Daniel Penas (Espanha)

FAGOTES

Higinio Arrue Fortea (Espanha)
Pierre Gomes Da Cunha (França)

TROMPAS

José Vicente Castello Vicedo (Espanha)
Genevieve Clifford (Austrália)

TROMPETES

Christopher Dicken (Grã-Bretanha)
Lionel Jaquerod (Suíça)

TIMBALES

Martin Piechotta (Alemanha)

** Concertino

* Principal

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
500 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Maio 2019

